



Director literario:

Antonio Gomes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

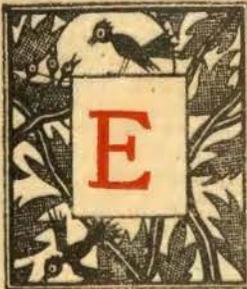
Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



AS DUAS VOZES

POR MARIA ROSA RESEDÁ
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ERA uma vez uma rapariguinha chamada Júlia que vivia com a mãe numa humilde mansarda, pois eram pobres. A mãe de Júlia, que enviuvára havia três anos, era costureira de roupa branca e a pequena ajudava-a no arranjo da casa e fazia-lhe os recados. Uma tarde, Júlia foi comprar linhas para a mãe. Ao passar por uma loja de brinquedos viu na montra, entre outras bugigangas, uma linda boneca, toda

vestida de sêda côr de rosa, tendo sôbre a farta cabeleira loira, que era mesmo um encanto, um gracioso chapéu enfeitado com uma pluma branca. A pequena parou em frente da montra e não se cansava de contemplar a linda boneca. Havia muito tempo que ambicionava uma assim, mas a pobre mãe não podia satisfazer-lhe êsse desejo, porque o dinheiro era pouco. E' verdade que tinha uma, que lhe dera o Menino Jesus, no Natal, mas era de papelão, muito feia e, além disso, já não tinha braços nem pernas. Não se comparava, mesmo nada, com aquela... Tomando uma grande resolução, entrou na loja e pediu para ver a boneca. Ao tê-la nos braços ainda mais encantada ficou: — a boneca abria e fechava os olhos e quando se puxava por dois cordões que estavam escondidos debaixo do vestido, dizia:

— Papá!... Mamã!...

Timidamente perguntou o preço.

— Cincoenta escudos, respondeu o empregado.

Cincoenta escudos!... Júlia ficou atordoada com semelhante preço e saiu da loja, muito triste. Nunca supozera que uma boneca custasse tanto dinheiro e o melhor era não pensar mais nela, visto que a não podia comprar.





Mas por mais diligências que fizesse a boneca não lhe saía do pensamento. Todos os dias passava pela loja de brinquedos e parava para a ver. De uma dessas vezes, viu entrar para lá uma senhora e uma menina, muito bem vestidas e logo o empregado tirou da montra a boneca tão ambicionada por Júlia. Momentos depois, saíam, mas agora uma nova personagem as acompanhava: — a boneca, que a menina rica carinhosamente apertava de encontro ao peito. Júlia seguiu-as e, depois de andar algum tempo, viu-as entrar para um lindo palacete. Quando a porta se fechou sobre elas, pareceu a Júlia que lhe arrancavam um pedaço da sua alma.

Os dias iam passando e Júlia continuava com a mesma ideia. Pouco a pouco a revolta começou a miná-la; não era justo, dizia ela com amargura, que umas tivessem tudo e outras nada. Também tinha o direito de ser feliz. E Júlia, que era tão alegre; tornou-se taciturna, sempre de mau humor e fugindo ao trabalho o mais que podia. Deitava-se e levantava-se sem rezar e, privada do auxílio divino, tornou-se má e hipócrita.

Um dia viu aparearem-se de um luxuoso automovel e entrarem numa igreja a senhora e a menina do palacete. Aproximando-se mais, constatou que a boneca ficara dentro do carro. A tentação apoderou-se dela. Vendo que o «chauffeur» tirara um jornal do bolso e se entretinha a ler e aproveitando um momento em que não passava ninguém na rua, caminhou pé ante pé e, estendendo o braço, agarrou a boneca, fugindo em seguida. Tinha-a, enfim, em seu poder!... E, cheia de alegria, continuava correndo, com receio de ser perseguida.

De repente uma voz severa gritou-lhe:

— «E's uma ladra. Ladra, ladra, ladra!...»

Quiz fugir daquela voz que a acusava, que sabia da sua indignidade, mas ela perseguiu-a sempre, cada vez com mais intensidade:

— Ladra, ladra, ladra!

Por fim percebeu de onde ela vinha. Era a voz da sua consciência que não a deixava, que se erguia indignada com o seu procedimento. Mas logo outra voz, a do Demónio, também se fez ouvir:

— «Não tenhas medo, dizia ela; ninguém viu, ninguém sabe o que fizeste e, portanto, podes estar tranqüila. Leva-a para casa e não escutes a outra voz, que só quer o teu mal e te quer perder». E a outra, a voz do Bem, tornava:

— Ninguém sabe, não... A Deus nada se pode ocultar. Ele

vê e sabe tudo. Não oíças o Demónio, que te quer levar para o Inferno. Vai entregar o que roubaste, arrepende-te sinceramente e só assim alcançarás o perdão de Deus.

Mas Júlia continuava correndo e a voz não cessava:

— «Ladra!... Ladra!...»

Por fim parou, muito cansada, mas o terror invadira-a. Julgava a todo o momento ouvir passos e, vendo que um polícia se dirigia para ela, convencendo-se que ele a vinha prender, tornou a fugir. Encontrando uma igreja aberta aí se refugiou. Fatigadíssima, sentou-se num banco e limpou o suor que lhe perlava a fronte. Olhou em volta com certo receio, porém, logo sossegou constatando que estava só.

Então pôs-se a pensar no que havia de dizer à mãe, quando lhe visse a boneca. De súbito ouviu barulho e, assustada, levantou-se precipitadamente para fugir, mas, olhando maquinalmente para o altar de Nossa Senhora, estacou estupefacta. A Virgem, com o braço estendido indicava-lhe a porta, ao mesmo tempo que pronunciava as seguintes palavras:

— «Sai imediatamente daqui. Não és digna de entrar na casa de meu filho».

E o braço inflexível continuava apontando a saída. Júlia como se uma força magnética a atraísse, não podia despegar os olhos do rosto severo da Mãe de Deus e, tremendo convulsivamente, recuava, recuava... Ao chegar à porta, sempre perseguida por aquelas palavras que a condenavam, abalou a fugir, numa carreira louca e, por fim, deixou-se cair por terra, completamente exausta. A boneca estava a seu lado, mas agora Júlia olhava-a quasi com ódio. Era ela a causadora do seu sofrimento. Mas uma voz que vinha do fundo da sua alma, segredou-lhe:

— Pensa bem, Júlia. A pobre boneca não teve culpa nenhuma da tua feia acção. A única culpada és tu. Preferiste obedecer ao Demónio e agora os remorsos não te deixam. Lembra-te bem disto: — começa-se roubando uma boneca e acaba-se por cometer um crime. Vai. Cumpre o teu dever e a paz descerá outra vez sobre ti. E Júlia agora já não hesitava. Estava até admirada como pudera cometer uma acção tão feia. O arrependimento entrou-lhe na alma e ao pensar que ofendera gravemente o bom Deus, ao lembrar-se que Nossa Senhora já não gostava dela, derramou abundantes lágrimas que lhe aliviaram a angústia que a oprimia. Resolveu ir entregar a boneca, mas as faces tingiram-se-lhe de vermelho ao pensar que tinha de confessar a sua feia acção.

Corajosamente, repelindo a voz do Demónio que de novo a queria dominar, encaminhou-se para o palacete. E depois de confessar tudo sem omitir a mínima coisa, esperou humildemente, como justo castigo, que a senhora a expulsasse ou a mandasse prender. Porém nada disso aconteceu. D. Palmira, que era uma senhora inteligente e muito bondosa, não se encolerizou. Conhecia bem o que era a vida e as suas tentações e por isso mesmo sentia uma grande indulgência e compaixão pelos que erravam. Pegando nas mãos de Júlia, disse carinhosamente:

— O pecado confessado com arrependimento e firme propósito de não o tornar a cometer é sempre perdoado. Cometeu uma feia acção é certo, mas como te arrependeste e reparaste a tua falta, perdoo-te e não direi nada a tua mãe. E agora vamos buscá-la; de hoje em diante ficam a viver na minha casa.

Assim sucedeu. D. Palmira protegeu-as sempre e não teve que se arrepender de ter protegido Júlia, pois esta, imitando os bons exemplos da sua salvadora e impressionada por tanta bondade, tornou-se daí por diante uma menina exemplar.

Colaboração infantil

Quem é José Augusto Dias de Moura Brandes



Chegada do comboio da Lousã a Coimbra 1927

À VENDA

OS MEUS CONTOS

PREÇO
para assinantes d'OSECULO
4 Escudos

■
VII volume
da

PREÇO
para os não assinantes
5 Escudos

Biblioteca PIM-PAM-PUM!

pela mais nova escritora portuguesa:

Maria Leonor Lima Brandes

■
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

Pedidos à nossa Administração

OS CIGANOS

NOVELA INFANTIL

POR JOAO DA SELVA

DESENHOS de EDUARDO MALTA



CAPITULO I

A MALDIÇÃO DA CIGANA

DUAS ciganas, mãe e filha, andavam pelo mundo ganhando miseravelmente a vida. A mais velha tocava guitarra, enquanto a mais nova dançava, fazendo estalar as castanholas ou a pandeirêta. Era uma dançarina tão bonita e graciosa que, quando um dia mostrava as suas prendas na praça pública, diante do palácio dum rei, este que a vira da janela, ordenou aos seus criados que lhe fossem buscar a cigana para dançar na sua presença e na da rainha. As ciganas obedeceram e o primeiro bailado tanto agra-

dou ao rei que êle exigiu logo segundo, ficando ainda mais encantado.

A rapariga estava muito cansada por ter já dançado toda a manhã e serem horas de comer o seu jantar, mas como não se atrevia a recusar nada ao rei, dançou até ficar quasi sem fôlego.

Depois do segundo bailado, a mãe pediu licença para deixar descansar a filha, vendo esta já sem poder suster-se; mas o rei, ao reparar que só então entrava na sala a rainha, mandou a cigana dançar uma terceira vez, sem atender ao seu cansaço e dizendo, a rir, que ao fim lhe saberia melhor o descanso.

Compadecendo-se da pobre rapariga, a rainha pediu ao marido que lhe concedesse, ao menos, alguns instantes para tomar respiração e dançaria depois ainda mais e melhor; mas o monarca, impacientando-se, deu ordem à bailarina para recommear immediatamente.

Ao fim do terceiro bailado entrou na sala o príncipe e o rei, desejando mostrar ao filho as habilidades da rapariga, fê-la de novo dançar. A pobre dançarina deu ainda alguns passos, mas logo caiu sem sentidos, vencida pela fadiga e debilidade.

Então a cigana mãe, levantando do chão a filha desmaiada, rogou uma terrível praga ao rei:

— Farto sejas tu de ver dançar — disse ella — rei maldito, maldito, maldito!

Acrescentou a estas palavras umas outras em linguagem desconhecida, traçou no ar uns sinais misteriosos e fugiu com a filha nos braços.

A principio ninguém se mexeu, de tal maneira o espanto e o terror paralizaram a côrte inteira; por tim o rei, indignado com a ousadia da mulher, deu ordem para que a prendessem immediatamente.

Os cortezões apressaram-se a obedecer-lhe, mas quando quizeram deitar a mão à cigana, esta desaparecera com a filha em direcção aos jardins e ninguém conseguiu encontrar-lhe o rasto.

Foram dadas as ordens mais severas para que em todas as ruas e casas da cidade buscassem as duas mulheres desaparecidas e a ninguém era permitido sair dos muros, sem uma revista pelas tropas reais; mas nenhuma destas medidas deu o menor resultado.

Ora na noite dêsse mesmo dia, o rei, sentando-se à mesa para ceiar, queixou-se em altos gritos de que tudo dançava diante dêle. As cadeiras, os pratos, as pessoas que o cercavam, tudo, emfim, em que punha a vista, andava de roda sem parar. Furioso, perguntou que brincadeira era aquella com que queriam divertir-se à sua custa.

Os fidalgos, vendo tudo sossegado na forma do costume, olharam admirados uns para os outros, supondo que o rei estivesse doido ou a caçoar. A rainha e ao príncipe succedeu o mesmo quando o monarca lhes perguntou a razão porque entravam na sala bailando, em vez de caminharem com a gravidade própria de pessoas reais!

Muito aflitos, mandaram chamar o médico do paço para observar aqueles sintomas que supunham indicar torte de lirio, mas, apenas entrou o homem de sciência, o rei indignou-se contra êle também perguntando-lhe porque dançava! Nem consentiu que lhe tomassem o pulso e mandou sair todos da sua presença; mas, ficando só, continuava mesmo suplicio, por lhe parecer que os móveis da sala andavam de roda vertiginosamente, sem excepção dos candellabros acêsos, com perigo, segundo êle supunha, de pegar o fogo ao palácio.

Durante algumas horas não quiz que ninguém se lhe aproximasse, nem pôde comer, berrando sempre como um doido; mas apenas deu a meia noite, viu tudo parar subitamente e chamou então, muito aliviado, as pessoas da sua intimidade para ceiar emfim, com sossêgo.

A rainha, o príncipe e os fidalgos da côrte, supuzeram ter sido um passageiro acesso de febre, aquella repentina loucura do rei e, durante uma hora, consideraram-no curado.

Ainda não tinha porém terminado a ceia, nessa noite muito retardada, quando o delirio real recommçou. O rei via todas as pessoas e objectos que o cercavam, num redopiar vertiginoso e indignava-se por supôr que brincavam com êle. Fora de si, ameaçava os cortezões com os mais severos castigos se não suspendessem immediatamente a dança, enquanto a rainha se cansava a jurar-lhe que ninguém ali se mexia.

Todos se lembraram então da praga da cigana e se convenceram que, devido a ella, o rei enlouquecera, vindo para seu castigo, aqueles infernais e interminaveis bailados!

Outras pessoas fora da côrte, pensaram antes que êle estivesse endemoninhado e pediram à rainha e ao príncipe que fizessem benzer a sua pessoa real pelo bispo e rezar por ella nas igrejas. Assim se fez, mas nem os exorcismos do bispo nem as orações ferventes do povo valeram de nada, e o rei continuou sofrendo aquelle espantoso delirio que só acalmava desde a meia noite até à uma hora.

Nêsse intervalo comia, deitava-se e conseguia às vezes, no descanso do sono, fugir durante a noite inteira e parte da manhã à alucinação constante da dança que o martirizava.

Como em tudo o mais conservava o seu perfeito juizo, reflectiu sobre o que observava e pôde, pouco a pouco, convencer-se de que as pessoas e as coisas realmente não dançavam senão devido a uma illusão do seu espirito transtornado, deixando por isso de se indignar contra quem o rodeava; mas, por outro lado, era tão iatigante a dança diabólica das suas mirágens, que se isolou numa grande sala, donde mandou tirar todos os móveis. Ali passava sôzinho o dia inteiro até chegar aquella hora em que podia finalmente descansar.

Comia então a única refeição que lhe era permitida sem bailados de pratos e de copos e procurava em seguida, no sono, alívio e consolação para a sua desgraça.

Como as pessoas da côrte, acreditava absolutamente ter sido a maldição da cigana a causa do seu suplicio e o ódio contra a raça inteira dos ciganos tornou-se tão violento que deu ordem para queimarem vivos todos os que se encontrassem no seu reino e continuarem com redrobada actividade





as buscas daquelas duas que o tinham desgraçado com os seus sortilégios.

Prometeu mesmo grandes prémios a quem lhas trouxesse vivas ou mortas, mas até ali ninguém conseguira descobri-lhes o paradeiro, embora se julgasse impossível elas terem fugido do palácio e muito menos ainda da cidade, cercada de muros e com tropas a guardarem-lhe as portas.

Era portanto, para toda a gente, o mais atarrador mistério esta completa e repentina desapareição das duas mulheres.

CAPITULO II

O PRÍNCIPE ENCONTRA AS CIGANAS

Ora uma noite, andando o príncipe sozinho no jardim a pensar com tristeza na terrível doença de seu pai, que nem a ciência dos médicos, nem as orações do povo conseguiram curar, aproximou-se dum grande lago que ali havia.

Pareceu-lhe então ouvir uma voz muito doce, e pôs-se à escuta, cheio de curiosidade, distinguindo as seguintes palavras dum canto tristíssimo:

— Minha mãe, mãe das ciganas,
Já lá vão tantas semanas
E nós aqui a pensar!
Acode à tua menina
Que os seus pés de bailarina
Querem de novo bailar!—

Em resposta, uma outra voz, mais grave, cantou:

— Filha do meu coração
Quem nos dará o perdão
Do rei que nos quer matar?—
Tornou a voz da mais nova:
— Retira-lhe a maldição
E talvez o rei cristão
Consinta em nos perdoar!—

O príncipe ficou assombrado com o que ouvia, ainda mais ao reconhecer, no timbre das vozes e no sentido das palavras, as ciganas há tanto tempo procuradas em vão por toda a parte.

Ouvindo-as ali tão perto, pensou que fácil lhe seria achá-las e, menos com a intenção de as entregar à justiça do que na esperança de obter a cura do pai em troca da liberdade delas, começou, de roda do lago, a procurá-las

ativamente, esquadrinhando quantos macissos de arbustos e canaviais ali havia; mas por mais voltas que desse, não encontrou viva alma.

Lembrou-se, em seguida, de lhes falar contanto que, mesmo invisíveis, lhe respondessem, e disse em voz alta quem era e a proposta que lhes fazia.

Passados poucos momentos, ouviu a voz da cigana mãe, que parecia sair do fundo do lago:

— Príncipe, — disse ela, — se estás disposto a servir de intermediário entre nós e teu pai, dize-lhe que me resolvi a perdoar-lhe, levantando a minha maldição, se ele der a sua palavra de rei em como nos deixará sair, livremente, do reino. Vejo que és digno da minha confiança e por isso te vou dizer quem sou e ao que me vejo reduzida. Sou a rainha do povo cigano e, por culpa do teu pai, transformada, assim como a minha filha, em plantas do lago. A estas horas da noite é-nos concedida a voz humana, e assim nos consolamos, cantando uma à outra as nossas mágoas. Vai ter com o rei amanhã, à hora em que ele tem repouso, e depois me virás dizer o que ele resolver.

O príncipe, de cada vez mais admirado, mas numa grande esperança de obter a cura do pai, esperou ansiosamente a meia noite do dia seguinte para lhe falar, pois naquela ocasião, dormia ele o seu sono e a ninguém era permitido acordá-lo. Era o filho, quem governava o país desde o princípio da doença do soberano e costumava aproveitar a sua única hora de lucidez para, enquanto ele comia a sua refeição única também, lhe dar parte de tudo quanto se passava e receber as suas ordens com respeito à governação.

No dia seguinte pois, mal souu a meia noite, foi contar ao pai o que lhe sucedera com as ciganas, não lhe revelando, ainda assim o segredo do seu esconderijo, conforme elas lhe pediram e ele prometeu.

Em vez de se alegrar com a proposta, como o príncipe esperava, o rei entrou numa cólera medonha e declarou que não perdoaria às culpadas sob condição alguma, ainda que lhe fôsse necessário sofrer a vida inteira o tormento a que elas o tinham condenado. Ordenou ao filho que, visto ele saber do seu paradeiro, as mandasse imediatamente agarrar e queimar numa fogueira.

O príncipe respondeu que não atraiçoiaria nunca quem confiara na sua lealdade, e o rei, reconhecendo quanto o filho tinha razão, não insistiu, esperando que, ou por aqui ou por ali, os soldados da sua polícia conseguissem encontrar as fúgitivas. Queimadas estas, consolava-o a mais firme

certeza de destruir também o efeito do sortilégio e voltar a ser são e escorreito como dantes. Não perdoaria pois, em-



bora a sua consciência o acusasse de ter sido mais culpado do que a cigana mãe, cuja culpa única afinal, fôra apenas vingar a filha, tão cruelmente tratada por êle.

O príncipe, que reconhecia ainda melhor o mau procedimento do pai e que, embora respeitosa e calado, não podera nunca dar-lhe razão, insistiu para que êle fôsse clemente e assim acabasse com os próprios tormentos; mas nada conseguiu e foi-se muito desconsolado passear para a borda do lago, à espera de ouvir cantar as infelizes ciganas. Mal chegou, ouviu logo a linda voz da mais nova:

— Minha mãe, mãe das ciganas,
Já lá vão tantas semanas
E nós aqui a pensar!
Tem dó da tua menina,
Os seus pés de dançarina
Querem de novo dançar! —

E a voz da mãe:

—Filha do meu coração,
Não tivemos o perdão,

Não quiz o rei perdoar!
Passados meses e anos,
O teu pai, rei dos ciganos
Há-de nos vir libertar! —

O príncipe aproximou-se do lugar donde partiam as vozes, chamou a rainha e perguntou-lhe onde se achava o rei dos ciganos para êle o ir prevenir do sucedido se ela promettesse retirar a seu pai, a maldição. Visto ela já saber o que se passara, era inútil falar-lhe na recusa dêle, mas tudo queria tentar para obter a cura de seu pai e a libertação das duas prisioneiras.

— O rei, meu marido, desapareceu há muito do seu país e com êle todo o nosso poder e autoridade porque, na nossa raça real, o rei pouco pôde sem a rainha e ela não é nada sem o rei. A gente do nosso reino espalhou-se em bandos por todo o mundo procurando o seu chefe e eu mesma, na companhia de minha filha, saí do meu palácio e fomos, por terras estranhas, tocando, cantando e dançando, na esperança de descobrir o paradeiro do nosso marido e pai, talvez



prisioneiro. Até hoje nada conseguimos e agora, cativas, nem sequer podemos procurá-lo.

(CONTINÚA NO- PROXIMO NÚMERO)



ADIVINHA

MEUS MENINOS

Vejam se descobrem onde se encontra o rei medieval da nação inimiga que este guerreiro antigo vai combater.



Sua Excelência o gatinho «Polo...»

Á
TINI
NHA
BOR
GES
DINIZ



POR
GRA
CI
ETTE
BRAN
CO

Desenho de EDUARDO MALTA

MEUS meninos, venham cá.
Vou-lhes fazer
uma apresentação.
(Eu toda me consolo,
com franqueza,
de fazer coisas desta natureza;
de lhes apresentar
gente de cotação...)

Vá...
Deixem de brincar
e venham cá.
... Então?!

— Tenho o prazer
de lhes apresentar o gato «Polo»,
(um gatinho angorá
de poucos meses)
que, às vezes,
no corredôr,
— que horrôr! —
sabe fazer um modo tão mausão,
que até talvez fugisse,
se o visse.
o Papusse-Papão!!!

Pois o Polo,
meus meninos
pequinhos,
não é polo,
é uma pela!
Mas uma pela
tão bela,
tão redondinha e bem feita
— que perfeição!
— que consôlo!
que parece toda feita
d'algodão!

Dentro das salas
dá pratos!...

Arrasta bengalas,
fatos,
sem que ninguém o adome!
Faz rir a gente sisuda
pouco dada a brincadeiras!
Dá saltinhos das cadeiras,
saltos de tanto valor,
que lhe valeram o nome
do actor
da arte muda!

Já me tem acontecido
(ao vê-lo às vezes brincar
e dar
algum saltinho atrevido,
— catapum!)
desejar que o conhecessem
e que o vissem
todos os lindos meninos
ladinos,
rabinos,
mofinos
do Pim-Pam-Pum!

E pode ser... pode ser!...
O Mundo dá tanta volta
e éle, às vezes,
(muitas vezes)
tem manias de correr,
de fugir,
que nada mais natural,
afinal,
que é um dia,
por mania,
fugindo e correndo à toa,
à sôlta,
irem-no aí descobrir,
aos pulinhos
aos saltinhos
pelas ruas de Lisboa...

... E se éle depois não volta?!...